

Autor: Franklin MAXADO

O ÍNDIO NÃO É BICHO



CEDI - P. I. B.
DATA 17 12 93
COD. BLD 00018

Direitos de propriedade reservados legalmente

Leiam outros folhetos de CORDEL
de MAXADO, o poeta nordestino de
São Paulo.

Quando se fala em índio
Todo mundo sente medo
Mas ele é um ser manso
Como mostro neste enredo
Sõ ataca quando atacado
Aí então fica azedo

Ele recebeu os lusos
Que por aqui aportaram
Recebeu os seus presentes
E com mais outros trocaram
E os brancos convencidos
Tapiaram e exploraram

Também o escravizaram
Tomando mulher e terra
Uns resistiam fugindo
Para a mata e pra serra
Se armavam como podiam
Para enfrentar a guerra

E os que eram pegados
Ficavam tristes, doentes
No canto bem mocorongos
Não queriam ir pras frentes
Recusando trabalhar
Até morrendo carentes

O português quando entrou
Adentro pelo sertão
Serviu-se muito do índio
Pra conhecer rios e chão
Abrir caminhos e roças
Começando a criação

Colonizou o interior
Com as fazendas de gado
Botando fogo na mata
Deixando o capim empastado
Ou fazendo a coivara
Para plantar o roçado

Agora depois de quase
500 anos de vida
A sociedade não olha
A tribo incompreendida
Age explorando o Índio
Sem a justiça devida

E os que fugiram pra longe
E que são tribos restantes
São perturbados por estradas
Até em rincões distantes
Por garimpos e fazendas
E por ações conflitantes

O Índio apesar de forte
Para o mato e insetos
Adoece junto ao branco
Porque os seus esqueletos
Não têm força de resistencia
Pras doenças e quetos

E os Índios hoje são
Menos de 200 mil
Quando havia o total
Na descoberta do Brasil
De uns cinco milhões deles
E não podem dar um pio

Porisso é que defendemos
A floresta amazônica
E índios de nossas raízes
Pois em plena era atômica
São reservas e recursos
Fora da cifra econômica

E o costume continua
De tapiar com titicas
Dar espelhos, bugigangas
Machados, facões e nicas
Coisinhas pra tomar terras
Fazendo pessoas ricas

Pois o índio é como uma
Criança ou adolescente
Passa a usar essas coisas
Que lhe dão como presentes
Aí cai na dependência
Do caraíba indecente

Porque incorpora eles
Na vida cotidiana
Mas não sabe fabricá-los
Aí entra na coisa urbana
Renega o que já foi
Cai ou entra na cana

E o índio é usado
Desde o tempo de Caminha
Quando não tinha vergonha
De sua nua vergonhinha
O branco usa e tira fotos
Pagando uma besteirinha

E vende em cartões postais
Exotismo pra estrangeiro
A exploração é tanta
Que o deixa pior ligeiro
E sente que se perdeu
E se degenera inteiro

Cai na cachaça, sargeta
Jogo e prostituição
Mendigância e doenças
No fumo e perdição
Não mais trabalha e perde
Dignidade e coração

Vira marginalizado
Na alheia grande cidade
Quando aprende a ler, tem
Ódio à naturalidade
Ou vira um hóia-fria
E fica sem localidade

Assim, dizem que é bandido
Pra os mocinhos amados
Como em filme de cobói
Mas eles estão confinados
Em reservas, sem ter caças
Terras, armas e pescados

Pois ele é natureza
Tira dela o que precisa
Comida, vestes e caça
Nada porém desperdiça
Porque se acabar o útil
Sua vida inferniza

Vivem juntos em família
Onde todos dão as mãos
O chão onde a tribo mora
É de todos como irmãos
E se um está com fome
Todos lhe arranjam grãos

O índio em sua terra
Trabalha alegre cantando
Pois a dança e a música
A todos vão preparando
A criança para a vida
E assim vão ensinando

Explicam o mundo e coisas
O caçar, lutar, amar
Além de divertir muito
Com os mais velhos a contar
A história de sua tribo
Pra então conscientizar

Dão esse exemplo de vida
Ao nosso homem egoísta
Duma civilização
De tom individualista
Do use e jogue fora
Cada vez mais consumista

O índio é nosso irmão
Pois nós somos brasileiros
Se assim não entendermos
Seremos só estrangeiros
Que vêm explorar o país
E levar nossos dinheiros

Não vamos continuar
A fazer como antigamente
Em que se discutiu muito
Se o índio era gente
Se tinha alma ou era
Só um bugre repelente

Não agridamos o índio
Destruindo a natureza
Como se faz no noroeste
Usando a esperteza
Acabando plantas, fauna
Com tamanha safadeza

Tudo isso sem estudar
O que tem a Biologia
Num crime pra humanidade
Sem ligar pra Ecologia
Tratando-o como a um cão
Sem ter a menor valia

Assim, ajudemos ao índio
Que nos deu e pode dar
Lições de sobrevivencia
E muitos exemplos sem par
De acordo com tradições
Pra conclusões se tirar

Vejamos o mundo dos Incas
De grande civilização
Astecas, Maias e outros
Que não tinham o canhão
E a roda e só porisso
Lhes botaram o tacão

Conhecessem essas coisas
 A cultura se igualaria
 Faziam casas e estradas
 Na maior Engenharia
 À prova de terremotos
 E sabiam Astronomia

Também operavam cabeças
 Fazendo trepanação
 O branco tudo acabou
 Com fins de dominação
 Sô queria o Eldorado
 E fazer exploração

Aqui, foi dono da terra
 Que achavam ser Pindorama
 Que tinham o pau brasil
 Florestas, cipós e rama
 Antes de vir o europeu
 E fazer sua derrama

Hoje, se somos caboclos
 Mestiços americanos
 Vamos entender os índios
 E tratá-los como manos
 Compreendê-los ajudando
 Não sô cobrí-los de panos

Preservemos suas fábulas
 Casos e sua cultura
 Não vamos ser mais os brutos
 Respeitemos a natura
 Nossas origens e raízes
 Para a geração futura

8
Civilização não é
Destruir a natureza
É conviver com o mundo
Sentindo toda beleza
Respeitar o semelhante
E não vê-lo como presa

Se não defendermos o índio
Fazemos criminalidade
Jogando uma criança
Criada em grande cidade
No meio da mata densa
Usando de perversidade

O índio é também criança
E não sabe o que fazer
Numa cidade enorme
Pois se criou pra viver
No meio da natureza
E com bichos conviver

São com adaptação
Bem lenta e gradual
É que o nosso indígena
Passa a ser mais racional
Embora ele seja gente
Vive como animal

M- altrato, eu não prescrevo
A- os nossos índios irmãos
X- avantes ou doutras tribos
A- conselho darmos as mãos
D- esejando ter, como índios
O ideal de cidadãos.

São Paulo, SP., maio de 1980